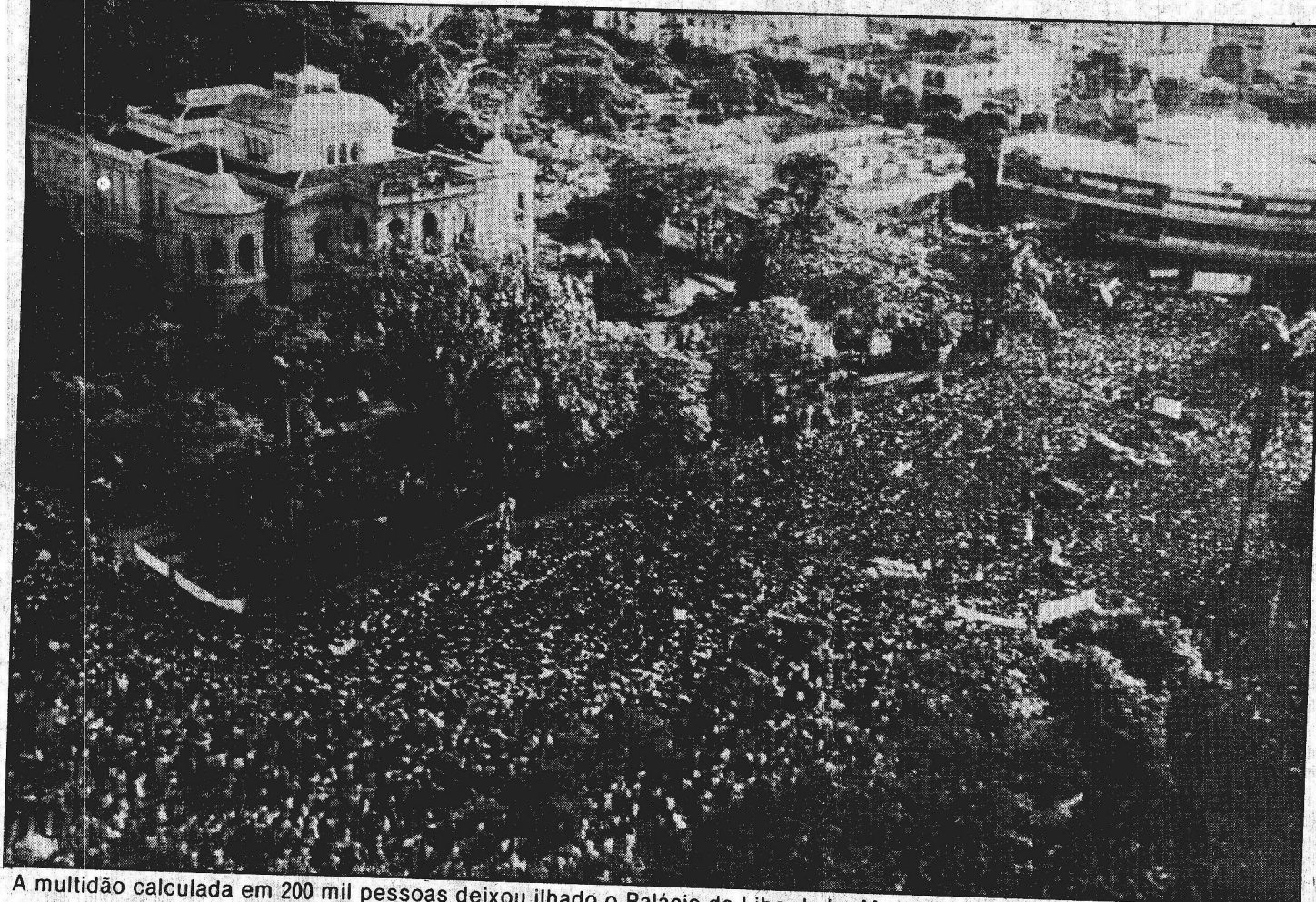


Cinco mortos no adeus a Tancredo Neves

intervenção de D. Risoleta evitou que a forte emoção causasse uma tragédia sem precedentes

FOTOS JOSEMAR GONÇALVES



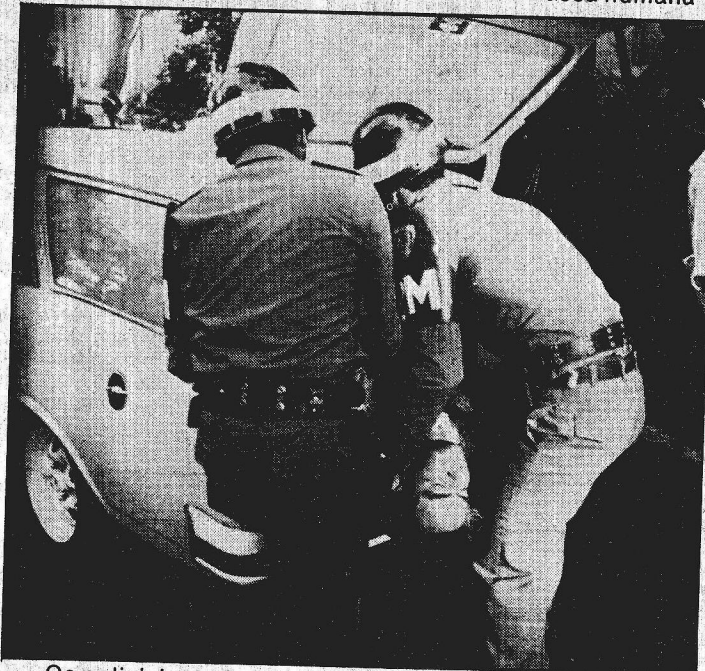
A multidão calculada em 200 mil pessoas deixou ilhado o Palácio da Liberdade. Momentos depois, o tumulto e a tragédia.



D. Risoleta: forte na dor



A segurança foi insuficiente para conter a massa humana



Os policiais se desdobraram para socorrer as vítimas

WILKIE RODRIGUES
correspondente

Belo Horizonte — Cinco pessoas morrem outras 270 ficaram feridas quando a multidão que foi levar seu último adeus ao presidente Tancredo Neves forçou o portão e as grades que cercam o Palácio da Liberdade, arrebatando o cadeado, e provocando muita correria e pisoteamento das pessoas que estavam na frente. O saldo foi triste, mulheres, crianças e homens massacrados: além dos 5 mortos, mais de 500 pessoas atendidas no próprio local, 91 feridos gravemente e medicados no Pronto-Socorro.

Os feridos ficavam deitados em frente ao Palácio da Liberdade até serem recolhidos pelos carros da polícia, veículos particulares e dos diversos órgãos do Estado, numa movimentação de viaturas e barulho de sirenes que assustou a multidão calculada àquela altura em 200 mil pessoas. Os casos mais graves foram levados direto para o Pronto-Socorro. Quatro mulheres ainda não identificadas e Alexandre Marins Monteiro, 23 anos morreram a caminho do hospital e foram as únicas vítimas anunciadas pela direção do hospital do Pronto Socorro.

Segundo o coordenador da equipe médica do Pronto Socorro, Antônio Vecchio, duas mulheres continuavam internadas em estado grave no Centro de Traumatismo, e um rapaz entre a vida e a morte na Unidade de Terapia Intensiva. Os três também não tinham identificação. O enorme movimento no HPS — há muito não visto — começou às 16h15min, e só acalmou por volta de 18h30min, quando a maioria dos feridos medicados no local receberam alta médica.

O acidente aconteceu por volta das 16 horas, justamente quando a emoção e o histerismo já atingiam um grau insuportável, obrigando o locutor do som instalada à frente do Palácio a pedir calma repetidas vezes. Porém a multidão não atendia aos apelos e insistia na abertura dos portões e o início imediato da visitação pública ao esquife de Tancredo Neves.

Quando as autoridades reconheceram que a situação era realmente grave, incontrolável e que o pior poderia acontecer, dona Risoleta foi chamada para falar e assim controlar a forte emoção dominante naquele momento. Bastante emocionada e com a voz embargada, dona Ri-

soleta fez insistentes apelos à multidão, entremeando seu pedido com um discurso político e de saudação ao marido morto. Por alguns instantes ela conseguiu controlar a multidão, além do fato de a visitação pública ter sido autorizada.

Exatamente às 16 horas o forte cadeado do portão principal do Palácio da Liberdade rompeu-se. As pessoas que estavam coladas a grade perderam o equilíbrio e caíram. Em consequência disso, as que estavam atrás também foram caindo, surgindo daí pânico e muito tumulto. Na correria desordenada, crianças, mulheres e homens foram pisoteados e a situação estava totalmente descontrolada.

QUADRO DESOLADOR

Contornado o tumulto, o quadro era desolador. Dezenas de pessoas estendidas e imóveis no chão; sapatos, bolsas, roupas e bandeiras do Brasil espalhadas no pátio do Palácio.

Segundo informações do capitão-médico Bittar, da Polícia Militar, somente no posto instalado ao lado da biblioteca pública cerca de 500 pessoas foram atendidas entre 16h15min e 18h. A maioria era hipertensiva, pessoas com problemas emocionais e desmaios. O capitão disse ainda que "25 feridos foram imediatamente conduzidos ao Pronto-Socorro". Foram convocados médicos e enfermeiros pelo comandante da PM, coronel Leonel Archanjo. No Hospital Militar, 40 médicos e 50 enfermeiras ficaram de plantão para qualquer eventualidade.

Depois das 16h30min, o Pronto-Socorro viveu um movimento tão intenso que os funcionários tiveram que improvisar macas e camas para os pacientes. A cada minuto chegavam viaturas, carros do Estado, além de ambulâncias e veículos da PM trazendo pessoas com escoriações, fraturas ou ferimentos leves.

No setor feminino era maior o número de vítimas, e muitas mulheres eram atendidas no chão. No setor infantil o trabalho foi tranqüilo, pois poucas crianças deram entrada no Hospital do Pronto-Socorro. No setor masculino o atendimento também foi intenso. Enquanto isso, na unidade de traumatismo, até as 18h, quatro pacientes em estado grave e dois em estado crítico estavam internados. Na UTI, um rapaz foi internado e até o começo da noite os médicos tentavam salvar-lhe a vida.